

A FORMAÇÃO DO ANALISTA ¿ser ou tornar-se analista?

Jorge Alberto Berlaffa

Médico, especialista em Psiquiatria, Psicanalista e Doutor em Ciências Sociais. Chefe de Departamento de Medicina Interna, Hospital San Antonio de Padua, Río Cuarto (Córdoba — Argentina). É docente titular na Universidad Siglo 21. Instrutor Hospitalário em Carreira de Medicina, Faculdade de Ciências Médicas na Universidad Nacional de Córdoba. Coordenador Docente da Residência Interdisciplinar em Saúde Mental no Ministério de Saúde de Córdoba.

Instituição atual: Universidade Siglo 21.

Boa tarde, queridos amigos, da Práxis Psicanalítica. É um prazer para mim compartilhar uma atividade com vocês novamente. Muito obrigado pelo convite para esta dissertação.

Há dois meses, na apresentação do primeiro número da revista, falamos sobre a pesquisa em psicanálise. Retomo dois pontos centrais dessa apresentação, um foi o debate entre conhecimento e verdade e o outro, que toda pesquisa se define como tal desde que se constitua como ato analítico. A proposta de hoje, em parte, também nos leva por esses dois pontos, de tal forma que poderíamos muito bem fazer uma ligação entre essa conversa e esta. Assim como não há conceito de pesquisa fora do ato analítico, também não há formação do analista fora do ato analítico.

¿Ser ou tornar-se analista? Analista, ¿é uma condição ontológica ou é um estado?

¿O que entendemos por formação de analistas? ¿Quais aspectos podem ser abordados?

Do meu ponto de vista, o tema pode ser organizado considerando os seguintes componentes:

- Dispositivos de treinamento
- Áreas de formação
- O caminho da formação
- Os conceitos que são colocados em jogo na formação
- Autorização, modos e dispositivos do analista

Quanto aos dispositivos, temos a tríade tradicional promovida por Freud e à qual Lacan aderiu: a própria análise, o estudo de textos e a produção de conteúdo teórico; e a supervisão ou controle de casos. Em geral, na comunidade analítica e nas diferentes linhas e escolas, há consenso sobre essa estrutura de formação. Acredito

que por enquanto não há necessidade de propor uma mudança nessa proposta original de formação, mas sim, rever permanentemente e com atitude crítica e reflexiva o que acontece nesses dispositivos.

O segundo aspecto: os campos de formação dos analistas. O debate parece retornar à questão histórica de saber se a psicanálise pode ser ensinada na universidade. Acho que Freud já resolveu essa discussão, mas outras, em relação aos campos, ainda estão pendentes. A universidade pode formar analistas? No sentido estrito da formação, ou seja, capacitar o analista na prática clínica, como legitimar um espaço de formação *não* universitário? O que é uma comunidade analítica?

O terceiro aspecto: o percurso, o caminho. Deixamos uma questão pendente: Quando e onde começa e onde termina a formação do analista? Há sequência ou simultaneidade? São apenas os tempos cronológicos que regem a formação?

O quarto aspecto: se aceitamos que a formação do analista deve ser pensada como efeito dos atos analíticos, não podemos ignorar certos *conceitos fundamentais* ligados não apenas à transmissão, mas também à autorização; como desejo, o sujeito suposto saber, transferência, transmissão e ensino, estilo.

Enfim, o que autoriza um analista na práxis? Existe um ato de nomeação equivalente a uma graduação? Vamos verificar o dispositivo de passe.

Vou começar com alguns conceitos

Em "A psicanálise e seu ensino", Lacan pergunta "Como ensinar o que a psicanálise nos ensina?" (1985, pág. 421). A formação de analistas não é um simples fato pedagógico, o ensino não se resolve apenas definindo a didática. O que chamo *formação* inclui transmissão e ensino, entre outros dispositivos. Embora admita que o termo *formação* seja um pouco polêmico e Lacan nos confunda com isso, pois em "Sobre a experiência do passe" (1973) ele disse que nunca falou sobre "formação do analista", embora já tivesse falado disso na proposta de 9 de outubro de 1967.

Freud se refere à psicanálise como o uso de conceitos, não de preceitos. Não há preceitos? Sim, existem: a regra fundamental e a atenção flutuante são preceitos que Freud considerava a base do método, mas não os rituais. Lacan (1985, p. 444) resgata o papel fundamental que estes têm no ato analítico: valorizar o discurso do sujeito e a escuta do analista. Nesse sentido, o enquadramento também tem que fazer parte da técnica, mas não pode ser um protocolo cerimonial.

A técnica não é apenas procedimentos e cenas. A técnica da psicanálise situa-se na relação do sujeito com o significante, o ensino deve ser dado em torno do mesmo princípio. Levar em conta a relação do sujeito com o significante, mesmo nos dispositivos de formação, nos ajudará a evitar que prevaleça o princípio oposto, a relação do eu com a verdade, o que leva a um efeito de identificação imaginária com o professor, pois ocorre nas escolas com a figura do líder ou diretor que agrega as funções organizacionais e intelectuais, (e às vezes analista) após as quais o conhecimento é fixado a um lugar supremo, significante absoluto, senhor do poder, poder que exerce, entre outras coisas, para eleger seus membros que nada mais seriam do que os acólitos de uma irmandade ou os fiéis de uma igreja; a formação não deve ser religiosa, não me refiro ao conteúdo, mas ao modelo que inclui o ritual e o dogmático. Nestes tempos atuais não devemos nos surpreender com isso, constatamos que as religiões estão avançando em aspectos da vida e da organização social; Funcionam como modelos de forte carga imaginária que se oferecem como cantos de sereia, como atração irresistível de liderança e organização. O que nos tornaria imunes aos analistas para não cairmos na mesma lógica?

Assim como em qualquer ato analítico, o analista deve evitar fixar-se a um significante, por exemplo, ao significante do saber, o mesmo ocorre na formação; que o formador se cristalice na figura do saber coloca em risco que a didática seja a identificação do aprendiz com o eu do formador. Lembremos que o sujeito emerge no intervalo entre dois significantes, dessa posição ele permanecerá oscilando em um “entre dois” e buscando dobrar um deles, operação de identificação a um Ideal para evitar o barramento.

No caso de tal identificação, o mecanismo de imitação é acionado, o aprendiz começa a imitar o mestre. Coloco esse processo de relação imaginária de aprendizagem no primeiro nível do gráfico do desejo, onde se estabelece o primeiro curto-circuito cujos vetores indicam a identificação com a imagem do outro que retorna ao eu. Imitação que instala uma prática que se situa abaixo do nível em que opera o desejo, retornando por um curto-circuito imaginário onde a pura identificação com a imagem do outro — **i (a)** — distancia cada vez mais o aprendiz de alcançar a necessária demissão subjetiva, isto é, à queda do Sujeito Suposto Saber. Ao contrário, o Saber (com letras maiúsculas) estará cada vez mais fixado a uma figura imaginária, a um “eu” chamado analista, didático, professor, diretor etc.; o problema que eu vejo aí é que isso tem um efeito de tradução, é transferido para a prática daquele analista

em formação. A identificação opera com a lógica do molde, o analista em formação reproduzirá essa lógica operacional em sua clínica, convencido de que se trata de um ato analítico.

A identificação opera com a lógica do molde, o analista em formação reproduzirá essa lógica operacional em sua clínica, convencido de que se trata de um ato analítico. Em vez disso, a análise opera pela lógica da modelagem, como fazem os artesãos; o molde é das fábricas que produzem em série, a modelagem é dos artesãos onde cada peça é única, cada uma tem sua marca que chamaremos de *singularidade*.

Apresento aqui uma história curta de Eduardo Galeano que está em seu livro “Palabras andantes”¹:

Nas margens de outro mar, outro oleiro se retira em seus últimos anos. Seus olhos estão turvos, suas mãos tremem, é hora de dizer adeus. Em seguida, ocorre a cerimônia de iniciação: o velho oleiro oferece ao jovem oleiro sua melhor peça. É assim que a tradição dita, entre os índios do Noroeste da América: o artista que sai dá sua obra-prima ao artista que começa. E o jovem oleiro não guarda aquele vaso perfeito para contemplar e admirar, mas a estrela contra o solo, parte-o em mil pedaços, recolhe os pedaços e incorpora-os ao seu barro.

O pensamento identitário conjuntivo, matriz epistêmica hegemônica da modernidade, induz-nos a pensar em termos dualistas e dicotômicos; base do pensamento científico positivista, modelo do pensamento psicológico. Possivelmente aqui chegamos a um aspecto importante a ter em conta aqueles de nós que assumimos o compromisso de acompanhar a formação: prevenir o ensino da psicanálise em termos dualistas: consciente/inconsciente, psiquiatria/psicanálise, apaixonado/racional como termos opostos e ao mesmo tempo sustentando um dualismo de funções psíquicas (Lacan 1985, p. 424). Lacan nos ensina que devemos deixar um *dois insustentável*, ir para um *possível três*. Também na formação do analista deve haver uma função de amarração (de fita, de quarto nó) onde os três registros adquirem consistência.

Todo ensino e transmissão “devem seguir o caminho de um estilo”, diz Lacan em *Psicanálise e seu Ensino* (1985, p. 440). Estilo é modo, uso, prática, caráter. O estilo é uma construção de identidade mestiça, o estilo se constrói, se faz, se apropria, também pode variar e até mudar. O estilo não é uma variante da imitação, a imitação é uma cópia, reproduz a mesma coisa, o estilo opera por diferença, embora leve elementos comuns nunca é uma cópia idêntica, pode ser semelhante, mas há

sempre uma característica diferencial. O estilo destaca a práxis de cada analista e permite que a análise seja um trabalho artesanal.

Ensinar não é apenas se ater à teoria e reproduzir fórmulas dos discursos de Freud e Lacan, isso seria reprodução, nesse caso seria mais como um ato erudito, considero que isso é um equívoco de fidelidade à teoria. A questão é recriar a psicanálise em cada ato de ensinar, para mim isso é transformar ensino em transmissão, é transformar um ato acadêmico em ato analítico. É nisso que consiste o trabalho artesanal do analista, num “saber fazer” que tem a referência do que já foi dito, mas a marca da reinvenção segundo o meu jeito e o meu estilo.

O papel do analista na transmissão passa pelo rigor do professor e pela criatividade do artesão. Se o ensino se baseia apenas na posição do professor, temos o ensino de um molde, de um saber instituído, já feito, um saber que se diz universal. É um ensino sem sujeito, pois só há um lugar de saber corporificado no professor, sem falta, na ilusão de completude onde ambos os sujeitos, professor e aprendiz, permanecem velados em sua condição subjetiva. Por outro lado, a transmissão também implica o impossível. Entre o ensino de forma acadêmica e a transmissão como ato analítico está o impossível, um resto, algo que não pode ser transmitido; o que se transmite, então, é a lógica do *não-todo*. A transmissão não fecha a análise, não fecha a falha. O treinador tradicional é obstinado em encontrar uma didática que se aproxime cada vez mais de um ideal de ensino; a transmissão não se preocupa com a perfeição didática, mas permite que a pergunta retorne: O que é um analista? Devemos aspirar a formação de analistas e não a reprodução do conhecimento.

Passamos a outro conceito, central à transmissão: o desejo. Talvez essa menção seja muito óbvia, mas não podemos omitir porque tornar-se analista é fazer o desejo produzir. Proponho levar em conta duas dimensões do desejo: o desejo *do* analista e o desejo *de* analista. Por enquanto vou desenvolver a dimensão desejo *de* analista. A formação do analista não é linear, possivelmente podemos localizar um ponto de partida vinculado a um evento específico. Mas na realidade não sabemos ao certo quando e como isso começou. Trata-se de momentos, instantes, digo instantes porque é um tempo não identificável ou mensurável pelo tempo cronológico. Refiro-me aos tempos do desejo.

O desejo *de* analista opera por instantes onde o desejo produz. O desejo é produção e a práxis analítica é sua realização (o efetivação)ⁱⁱ, ou seja, a colocação em ato de desejo. Por isso, o desejo não pode ser localizado em um lugar ou em um

tempo, não pode ser medido, não tem extensão, mas tem forma topológica. No desejo há intensidade, não extensão. Quando o analista dá conta de seu desejo, ou seja, quando tem que se autorizar como analista, ele só fala da realização, da colocação em ato de desejo, é o que mais se aproxima ao desejo de analista, e não sua interpretação. Somente o aspirante pode colocar em ação, isto é, realizar, seu desejo, nenhum outro pode dar conta desse desejo. Possivelmente é disso que trata a expressão de Lacan "o analista se autoriza de si mesmo".

Quando há um analista? Lacan dirá, quando se chega ao fim de uma análise, surge a pergunta: O que é chegar ao fim da análise? Resposta: a demissão do sujeito suposto saber, parece mais uma fórmula do que um conceito. Vamos ver, ainda que brevemente, qual é a complexidade dessa resposta simples (desculpe pelo oxímoro).

Primeiramente, é necessário perguntar sobre o status do Sujeito Suposto Saber. A suposição não é uma crença, não se trata de supor que determinado sujeito sabe, mas de *supor um sujeito ao saber*, pressupondo que existe alguém que sabe. O saber não é um conjunto de conhecimentos que uma determinada pessoa possui, mas é o efeito de uma articulação significativa. Não é que não haja conhecimento, mas esse conhecimento não pode ser atribuído a ninguém; o conhecimento é o conhecimento do Outro, o Outro é um lugar, não uma pessoa. É disso que trata o saber não conhecido no ensino de Lacan. O sujeito é suposto por um significante, o saber também, o pressuposto opera pelo significante, não por crença ou fascínio, não por confiança ou idealização. O sujeito é suposto ao significante, ou seja, é colocado abaixo do significante, o saber também. O sujeito não é suposto ao saber nem saber ao sujeito, ambos são pressupostos pelo significante, estão abaixo, subordinados à ordem significativa. Esse significante que subsume o sujeito e o saber e que por sua vez os articula, Lacan chama de significante da transferência. A estrutura do sujeito suposto saber deve ser compreendida pela lógica da transferência. O sujeito suposto saber conforma-se aos significantes e implica que um significante suponha um sujeito e um saber para outro significante.

Depois de revisar esta categoria podemos nos perguntar: Qual é a queda do Sujeito Suposto Saber? a demissão do sujeito suposto saber é abandonar a ideia de que existe alguém que sabe no sentido imaginário, ou seja, alguém que engloba o conhecimento, que encarna o conhecimento universal ou supremo, é abandonar a crença de que saber e sujeito são unificados, é desistir de uma crença. Que efeitos

produz a queda do Suposto Sujeito Saber? Produz o surto do saber, a dispersão do conhecimento. Quando um sujeito fala em análise, ele diz palavras que são sinais, cria-se a ilusão de unificação de sentido nesse discurso porque se acredita que as coisas significam alguma coisa e que o analista sabe o significado das coisas. O analista foge desse lugar de suposição, transformando esse sinal em um significante que remete a outro significante, essa operação desarma a ideia de um sentido ou sentido único, global e acabado. Esse encaminhamento de um significante a outro, essa operação significante é o que produz a surto do saber, que é a surto do sentido. Esse surto produz pedaços, fragmentos, restos; alguns se perdem, no surto há perda; o analista em formação fica com esses resquícios do surto, com um saber disperso que não poderei unificar novamente. O analista começa na práxis analítica sabendo que está barrado como sujeito e fragmentado em seu saber.

Vejamos agora como um analista é autorizado e qual o papel da comunidade nessa nomeação. Assim como o sujeito não surge sozinho ou *ex nihilo*, o analista também não se "faz" sozinho. Tornar-se analista implica tornar-se com os outros, é um ato coletivo. Aqui chegamos a outro ponto polêmico: o Passe. Em "Sobre a experiência do passe" (1973) Lacan diz que o analista autoriza de si mesmo, em sua análise. Frase curta que desencadeia uma grande polêmica desde então até o presente. Ainda mais quando acrescenta "e com alguns outros". Porque se um analista não se faz sozinho, como é que ele está autorizado apenas por ele mesmo?

Vamos esclarecer alguns termos, o analista se autoriza *de* si mesmo não a si mesmo, não está autorizado em sua pessoa, mas em seu trabalho: em sua análise, em seu controle de casos, em seu estudo. É perante a sua comunidade que deve argumentar a sua autorização, embora, não funda a sua autorização no argumento, não é um ato argumentativo, mas sim analítico, o ato analítico não se baseia num argumento, mas numa práxis que inclui a própria experiência da análise, a prática com analisandos, o estudo de textos e o controle de casos. O passe não é uma cerimônia ou um rito de iniciação, mas um momento de interrogação do desejo depois de ter passado por uma análise; é instalar ou trazer de volta a pergunta por que você quer ser analista? O passe é um momento, não no sentido do tempo cronológico, é como a transferência e o desejo, poderíamos dizer que é um instante, cuja dimensão é infinita porque o instante não se mede na dimensão cronológica do tempo. É aquele momento de encontro com o Real, onde o candidato é confrontado com a castração, sem rodeios, sem fantasmas. Então Lacan transforma isso em um dispositivo, o

dispositivo de passe que é um dispositivo escolar onde é dado suporte imaginário: espaço e tempo, ou seja, é dado extensão. O passe é o dispositivo no qual o candidato pode dar conta de seu desejo colocando-o em ação, é preciso que seja um ato coletivo, poderíamos dizer, comunitário. Da forma que as escolas hegemônicas o fazem, ou de outra forma. No passe o modo é contingente. O importante é que o candidato testemunhe o seu trabalho e a comunidade o aceite, mas não o consagre; pergunta, mas não avalia. A comunidade não é um júri.

Parece-me importante chegar a esse outro aspecto da formação do analista: a comunidade de analistas. Considero importante porque, volto a esta afirmação de Gustavo Dessal (2021), o analista não o faz sozinho, ele deve sempre produzir com os outros, compartilhando espaços de encontro, debate e questionamento. É por isso que a comunidade é necessária; infelizmente, certas comunidades chamadas escolas assumem a instituição do saber e do poder e adotam uma posição hegemônica e dominante sobre o rebanho. Admitimos que toda comunidade precisa adquirir uma estrutura; sabemos que o imaginário sustenta o simbólico. Mas devemos estar cientes e atentos que a missão de uma comunidade é apoiar a psicanálise como tal e não transformá-la em pastoral, por melhores que pareçam as intenções do pastor, ele nunca deixará de conduzir o rebanho com um cajado. Assim, nunca deixaremos a figura do diretor encarnando o poder.

As instituições da psicanálise são aquelas comunidades onde os analistas se reúnem para, entre outras coisas, testemunhar suas práticas, realizar trocas, restabelecer a pergunta sobre o sujeito e colocar em ação a pergunta: O que é um analista? O analista faz sua passagem ao público na comunidade. A comunidade o sustenta na falta ao mesmo tempo em que continua a falar, continua carente, continua barrado. São instantes, sem tempo mensurável, onde o analista o analista fica diante da falta, encarnando a pergunta: O que é um analista? Questão que sustenta a existência da comunidade. O que faz uma comunidade senão recriar a pergunta para que ainda haja analistas que continuem querendo se autorizar em seu trabalho? Uma comunidade de analistas não entrega analistas prontos, como a Universidade ou a IPA, com suas qualificações. Essas instituições não precisam renovar a pergunta porque a resposta já está construída e pronta, nenhuma universidade precisa se perguntar o que é ser médico ou o que é ser psicólogo. As instituições de psicanalistas que possibilitam o exercício profissional da psicanálise o fazem de forma semelhante à universidade.

O que é ser analista? Questionarei primeiro o estatuto ontológico ao qual a questão se refere. Acho que não é no sentido de identidade. Ser analista não é um dom, uma qualidade pessoal ou um título, não se conquista por mérito ou erudição; é uma posição que se alcança, que se ocupa quando há desejo de analista, é uma posição subjetiva muito difícil de alcançar se não se passa pela experiência da própria análise. É uma posição que só se alcança às vezes, é um momento difícil e desumano porque temos que nos afastar da chamada posição humanitária da qual entramos em uma relação de vínculo de compreensão através da empatia, temos que renunciar a um imediato missão terapêutica e reparadora e tudo o que se espera de um profissional com sentido humanitário; é desumano porque não é intuitivo. Ricardo Rodríguez Ponte (2005) é categórico ao afirmar que o analista se faz na análise. É na situação de análise em que o candidato pode ir ao desejo de analista que levará a demissão do sujeito suposto saber. Primeiro eixo da formação. Sem análise não há analista, mas só com psicanálise não basta.

Segundo eixo da formação: inquietação epistêmica. Ler, estudar e pesquisar. Um analista pode ler o que quiser, ter a orientação que mais o atrai, a questão é a fidelidade à leitura. É o mesmo ser kleiniano, lacaniano, freudiano? Obviamente não. A psicanálise é uma práxis e quem a exerce é um praticante. Essa práxis implica manter a coerência com uma teoria. A leitura deve ser rigorosa, não distorcida, Lacan se dizia freudiano, mas Freud não era lacaniano; não há necessidade de misturar os paradigmas, não há freudo-lacanismo.

Juan Manuel Martínez (2021) diz que podem ser identificadas três etapas no caminho da formação do analista: um primeiro momento de ingenuidade, caracterizado pela ignorância, mas também pela ânsia pelo conhecimento e pelo encontro com as dificuldades dos conteúdos. Depois, uma etapa de complexidade teórica e técnica, onde temos a sensação de conexão, de encadeamento dos temas, é um momento de fascínio onde tendemos a dar um tom erudito à práxis. E um terceiro período de simplicidade final, onde começamos a ver que aqueles conteúdos que pareciam difíceis e complicados não são assim, e onde também adquirimos uma capacidade de síntese e produção com estilo e tom próprios, é uma simplicidade que não é ingênuo, porque simples não significa fácil. O simples alude à possibilidade de lidar com categorias teóricas sem perder de vista seus elementos fundamentais. Se nos referirmos a Nicolau de Cusa, seria o momento da “ignorância aprendida”.

Também, creio, que é o momento em que começamos a sentir a necessidade de

navegar em outras águas, onde ousamos nos afastar da costa mesmo sabendo que às vezes podemos perdê-la de vista; é o momento em que nos aventuramos em outras leituras e onde perdemos o medo de questionar a psicanálise e fazer uma leitura crítica dos autores, sem que por isso deixemos de ser psicanalistas. Lacan diz que lemos Freud de maneira surda, talvez devêssemos nos perguntar se atualmente não lemos Lacan também de maneira surda.

O terceiro eixo de treinamento: controle de caso. O central é a posição do analista na transferência, o controle é, primeiro, ler a fórmula da transferência. Não transforme esse dispositivo em uma sessão de psicopatologia aplicada. Às vezes, gastamos todo o tempo e esforço tentando descobrir o diagnóstico psiquiátrico e revisando o cenário como se fossem as regras de um cerimonial. Devemos ter cuidado com a psiquiatrização da neurose e da psicose, mesmo que a façamos em linguagem lacaniana. Temos que levar em conta a pergunta de Ricardo Rodríguez Ponte (2005) “somos analistas ou alienistas? ”. Essa questão questiona o lugar do analista e sua posição diante do saber no ato clínico. O diagnóstico estrutural não é prévio nem determina o lugar do analista; em todo caso será primeiro a experiência e depois o diagnóstico, será visto, depois de iniciada a experiência de encontro com o sujeito, de que lado está a transferência e onde se localiza o saber; em suma, diz Lacan em “problemas cruciais da psicanálise” (2017), a posição do analista nas três estruturas clínicas dependerá da relação que o sintoma mantém com o saber. As sessões de controle visam colocar em palavras o que acontece ao analista com o caso, não o quanto ele sabe sobre aquele diagnóstico, por isso não há função didática no controle de caso.

Para finalizar, mencionarei alguns dos obstáculos que a formação do analista encontra:

1) A falta de diálogo decorrente da falta de espaços de encontro. Não é porque faltam escolas, mas porque ainda há uma tendência entre os clínicos de se isolarem na solidão dos consultórios particulares.

2) É preciso desconstruir a ideia da escola como uma estrutura hierárquica elitista, clássica, retirada do modelo das instituições formais de ensino. Incluindo a revisão dos lugares dos formadores e aspirantes. As instituições têm que ser mais hospitaleiras e acomodar seus membros, não os segregar ou classificá-los.

3) Desimaginar as relações de poder articuladas ao saber. Nem sempre quem ensina é quem mais sabe. A discussão entre pares deve ser promovida; sem

que isso signifique uma homogeneização de saberes, trata-se de diálogo em paridade, não de uniformidade.

4) A pressa, um mal do nosso tempo. Questionar a pressa de tudo: estudar, conhecer, escrever, publicar. Opor o modelo que respeita o tempo das coisas, ao modelo de educação expressa típico dos sistemas mundiais capitalistas neoliberais.

5) Por fim, o obstáculo personológico (usarei o termo de Félix Guattari fazendo um pequeno forçamento de sentido). O personológico está ligado à ideia de que o analista é uma pessoa. Na verdade, é, a advertência não deve ser ancorada a essa posição imaginária, quando discutimos. A discussão, o debate, a troca, são feitos na posição do analista, do sujeito, não da pessoa. Isso também é um problema desta vez. A posição narcísica e egocêntrica que marca um modo de estar no mundo consegue desviar os analistas em uma discussão que é tida como um ataque pessoal. Ao mesmo tempo, torna as discussões rápidas, terminam rapidamente e sem ir muito fundo. Em vez disso, busca-se uma expressão encorajadora e amistosa a pretexto de ser um estímulo para o aprendiz e ao mesmo tempo evitar aquela interpelação incômoda que fere o narcisismo. Expressões que não só encerram toda a discussão, como reafirmam a posição egocêntrica que privilegia a identificação com o eu do formador, longe de qualquer demissão subjetiva. Assim como na clínica devemos cuidar das *relações de compreensão*, na formação devemos evitar o personológico. Talvez possamos chamar essas posições, tanto na clínica quanto na formação, de psicologismo.

Os analistas têm que se perguntar o que é necessário na formação, mas também que formação é necessária considerando a situação atual da psicanálise. Lacan, no Seminário Dezenove (2017), diz que o que se ensina é o conhecimento, o que se transmite é a fórmula. A transmissão implica uma formalização para transmitir com o mínimo de resto possível, portanto, para isso recorreremos à matemática, estruturas linguísticas e estruturas topológicas. O fato discursivo por si só não é suficiente porque é impossível dizer tudo. Lacan recorre à formalização de suas propostas através, principalmente, da linguística e da matemática para dar rigor ao conhecimento e consistência ao seu discurso. Com o mesmo propósito, Freud queria encontrar a natureza científica da psicanálise tentando outro tipo de formalização, por um lado, através do modelo das ciências naturais, mas também usando a mitologia, a história e a arte. Com isso quero salientar que os textos fundadores ainda são necessários e não podemos prescindir de sua leitura rigorosa, embora também crítica.

Para uma leitura crítica dos textos clássicos, o campo da leitura deve ser ampliado, Freud e Lacan não escrevem mais, mas a psicanálise deve continuar produzindo, não reproduzindo. Os analistas trabalham com subjetivação, a subjetivação é processual e epocal, os processos de subjetivação consistem em uma dobra de fora para dentro; a individuação é também um processo que vai do coletivo ao singular, o sujeito se torna sujeito e se individua na vizinhança subjetiva, com os outros. Esse pequeno desvio serve para apontar que subjetivação e individuação não são estruturas intrapsíquicas, fixas e dadas de uma vez por todas, mas processos sociais, portanto, políticos. A formação do analista exige outras leituras, digo-o literal e metaforicamente, porque a psicanálise é determinada politicamente e porque tem um compromisso ético.

O trabalho sobre os textos fundadores não deve ser transformado em leitura de textos sagrados. E ler outros textos e autores, mesmo aqueles que desafiam a matriz epistêmica da psicanálise, não é heresia. Os analistas devem nutrir-se de tudo que nos permita continuar sustentando a práxis analítica inserida no momento. A práxis psicanalítica não é religião ou psicologia.

Termino com a ajuda de Ricardo Rodríguez Ponte, que naquela bela reportagem disse que "o que chamamos de formação deve visar que alguém formado, por um breve momento, pode pensar não psicologicamente"

Muito obrigado

Bibliografia consulta e de referência

DESSAL Gustavo. **La formación del analista**. Entrevista realizada em DE INCONSCIENTES (2021) Buenos Aires. recuperada em <https://deinconscientes.com/consejos-a-los-analistas-en-formacion-gustavo-dessal/> em 12 de fevereiro de 2022

LACAN Jacques. **El psicoanálisis y su enseñanza**. En: Escritos 1. Siglo 21. Buenos Aires (1985)

- **Situación del psicoanálisis y formación del psicoanalista en 1956**. En: Escritos 1. Siglo 21. Buenos Aires (1985)
- El Seminario, Libro 12: **Problemas cruciales del psicoanálisis**. Paidós. Buenos Aires (2017)
- El Seminario, Libro 19: **...O peor**. Paidós. Buenos Aires (2017)
- **Sobre la experiencia del pase**. Scribd. Documento eletrônico retirado de <https://es.scribd.com/document/319798339/Sobre-la-Experiencia-del-Pase-1973-Lacan#download> em 12 de fevereiro de 2022

MARTÍNEZ Juan Manuel. **Tres etapas en la formación del analista**. Entrevista publicada no YouTube. Buenos Aires, em 24 de abril de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mvQmlfaJv1Q> recuperado em 7 de dezembro de 2021

RODRIGUEZ PONTE Ricardo **Formación del analista**. Revista Acheronta No. 22 Páginas 26-39 (2005). consultado em <https://www.acheronta.org/> em 9 de dezembro de 2021.

ⁱⁱ a palavra original em espanhol é *efectuación*